



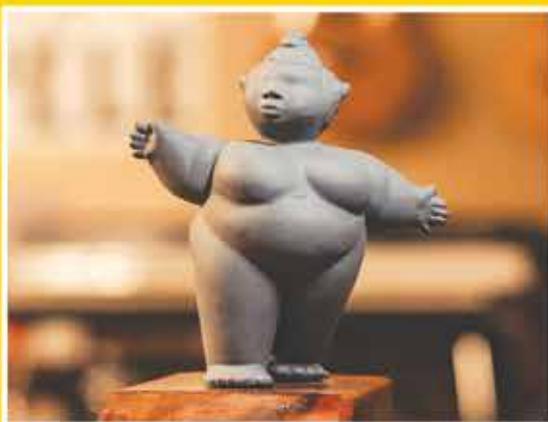
**METROPOLE** SSA-BA

08 FEB 2024

# Salvador Carnaval do Brasil



Jornal Metropole pede licença à folia para ampliar as lentes que mostram o Carnaval de Salvador e exibir a desigualdade que desfila na avenida. Págs 2 e 3.



Jurados do Troféu 'Axé - Canto do Povo de um Lugar' explicam o que faz uma música ser o hit do Carnaval. Pág. 6



Salvador Carnaval do Brasil: Metropole e Macaco Gordo transmitem mais de 100h da folia soteropolitana. Pág. 7



Blocos afros e afós completam 50 anos neste Carnaval e permanecem lutando para desfilam. Pág. 11

# Licença à folia

Carnaval de Salvador começa nesta quinta-feira e o Jornal Metropole troca a lente da folia para mirar as desigualdades da festa

**Texto Maria Eduarda Matos e Mariana Bamberg**  
[redacao@metro1.com.br](mailto:redacao@metro1.com.br)

*É Carnaval  
 É hora de sambar  
 Peço licença ao sofrimento  
 Depois eu volto pro meu lugar*

Para muitos, os versos de Batatinha, na música Depois Eu Volto, não poderiam ser mais fiéis à folia do Carnaval. Pelas lentes do artista e do folião, a festa é um colorido e barulhento refúgio da dureza da realidade. Mas para muitos não significa para todos. As cores e a música ainda não representam portas fechadas para a miséria e a desigualdade. Por

isso, nesta edição do **Jornal Metropole**, pedimos licença a Batatinha e ao clima carnavalesco que já toma conta da cidade, para mudar as lentes que filmam o Carnaval e fazer o movimento contrário ao da música.

Isso não é um manifesto contra a folia. De jeito algum. Ainda voltaremos a ela nesta edição. Afinal, do lado de cá, também haverá curtidão e transmissão. Porque, mesmo que seja por apenas alguns dias, pedir licença e sambar na cara do sofrimento também é importante, é um acalento e faz parte da essência do povo baiano.

## UM NAVIO NEGREIRO

Gente vinda de todos os cantos do Bra-



sil e do mundo, uma explosão de brilho e de cores em uma festa. Mas só uma cor e um endereço (periferia) catam latinha, seguram a corda e dormem na avenida para não perder o ponto do isopor. A diária de um cordeiro, depois de muita negociação, chegou neste ano a R\$ 80, já o quilo da latinha não passa de R\$ 2. Esse é o mesmo Carnaval em que alguns podem pagar R\$ 45 mil por sete dias em um apartamento no circuito ou R\$ 30 mil em um camarote, com direito a escolta e outras mordomias.

Professor e vereador, Edvaldo Brito é autor do Estatuto dos Cordeiro de 2010. Em entrevista à **Rádio Metropole**, ele traduziu o Carnaval para esta categoria como um verdadeiro navio negreiro. E não é para menos. Naquele ano, por exemplo, foi preciso um decreto para obrigar os empresários a fornecer aos trabalhadores camisas, luvas, chapéus, protetor auricular, água, lanche e banheiros. Edvaldo Brito era vice-prefeito e chegou a anunciar que romperia com o então prefeito João Henrique caso ele não assinasse o decreto. Quatorze anos depois, pouca coisa mudou. O agora vereador reconhece isso e afirma que falta fiscalização. Ao **Jornal Metropole**, ele cobrou punição aos blocos que não cumprem as obrigações junto à categoria.



Publisher **Editora KSZ**  
 Diretor Executivo **Chico Kertész**  
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**  
 Editor de Arte **Paulo Braga**  
 Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**  
 Redação **Kamille Martinho, Laisa Gama, Lila Sousa, Maria Eduarda Matos e Mariana Bamberg**  
 Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**  
[comercial@jornaldametropole.com.br](mailto:comercial@jornaldametropole.com.br)  
 Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010  
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



“Quem não apanha não aprende, é preciso ter autoridade. Autoridade não é para ficar em cima do camarote sendo ovacionada, é preciso ter força para cumprir, independente de quem seja o artista, o bloco, o trio. É preciso deter os exploradores”, afirmou Edvaldo Brito.

## ESTA FESTA TEM DONO

Há quem diga que o papel dos gestores públicos em casos como esse é apenas mediar. Mas como media-se um embate entre tubarões e peixes pequenos, senão subsidiando forças para o lado mais vulnerável? Não sendo assim, a conclusão é apenas uma: vence o maior. Foi o que aconteceu. A categoria pedia R\$ 150 pela diária e acabou com R\$ 80, mesmo defendendo não ser suficiente.

Enquanto isso, entra ano, sai ano e a im-

pressa continua levantando a polêmica sobre quem é o protagonista na festa: Prefeitura ou Governo do estado? A preocupação parece ser responder às perguntas sobre quem é mais indispensável, quem ganha mais holofotes ou quem coloca mais trios e artistas na rua. Mas a verdade é que sem a segurança, os serviços de saúde e os incentivos estaduais, não há Carnaval. Assim como, sem a estrutura, serviços, fiscalização e apoios da gestão municipal também não tem festa.

Se o protagonismo fosse medido pela escala do lucro, ele estaria com donos de blocos e camarotes. Aqueles que chegam a cobrar R\$ 1,5 mil por algumas horas do lado de dentro da corda ou até R\$ 3,5 mil por uma noite no alto das torres. Que, no geral, pagam 2% de imposto municipal e são os únicos que podem comercializar qualquer marca dentro do circuito.



secom pms

# Leva quem dá mais

Em uma conta simples, levando em consideração a média diária de 3,5 mil associados em um bloco, a receita chega a R\$ 5 milhões. Em um camarote, pode ultrapassar R\$ 12 milhões. Mas, com montantes ainda mais volumosos, o protagonismo poderia ser também dos grandes patrocinadores. Em 2013, a prefeitura passou a negociar cotas da festa com a contrapartida de só ser permitida a venda e divulgação da marca patrocinadora nos circuitos. Desde então, só estão ílesos a essa determinação os blocos e camarotes.

Por isso, depois de mais de 10 anos, o modelo continua sendo alvo de reclamação dos ambulantes e foliões, que querem ter o direito de escolha. O meio jurídico também questiona, afinal é uma festa em via pública. Nos três primeiros anos, por exemplo, a patrocinadora foi a cerveja Schin, que, cá entre nós, não é das mais populares no estado. Neste ano e no ano passado, a Ambev, detentora da cerveja Brahma, é a patrocinadora. O negócio é tão importante, que ela já foi confirmada para a folia de 2025. O valor do patrocínio deve girar em torno de R\$ 26 milhões.

A verdade é que o protagonismo deveria estar mesmo no folião, nos ambulantes, no cordeiro, no catador de materiais recicláveis e demais trabalhadores que fazem essa magia do Carnaval de Salvador acontecer. E que pedem licença à dureza da realidade para viver e festejar. Como a ambulante Dulcinéia Silva, que mesmo dormindo no circuito 15 dias antes da festa começar, já sabe que no próximo ano estará lá de nov. Pela necessidade, mas também pelo amor ao Carnaval.

É por essa paixão do baiano que a **Metropole** e a Macaco Gordo se unem para a transmissão multiplataforma **Salvador Carnaval do Brasil**, que já começou desde a última quinta-feira e só termina na Quarta-feira de Cinzas. São 100h de transmissão, mais de 80 profissionais, equipes distribuídas pelas ruas, estúdios e camarotes para não deixar passar nenhum detalhe da folia. Nas nossas ondas e telas, garantimos, o protagonismo está no folião e trabalhadores da festa.



# Orgulho, admiração e respeito. 50 anos dos blocos afros.

Homenagear os blocos afros é respeitar sua luta,  
admirar sua força e celebrar a sua grandeza.  
São 50 anos de uma história viva que segue em  
frente por todos os cantos de Salvador.

**#pratodosverem:** anúncio colorido com desenhos de tambores, búzios, elementos da cultura afro e símbolos geométricos. Na esquerda temos o título “Orgulho, admiração e respeito. 50 anos dos blocos afros” e abaixo do título um texto falando sobre os blocos afros. Na direita temos a foto de uma mulher sorrindo com ilustrações de um turbante na cabeça e outros adereços. Na parte superior do anúncio, do lado direito, temos a marca do Carnaval e da Prefeitura de Salvador.



SALVADOR  
**CAPITAL AFRO**  
2024  
CARNAVAL

  
**SALVADOR**  
PREFEITURA

Confira a programação no site  
[curtasalvador.com.br](http://curtasalvador.com.br)



# Na boca da galera

Juri do Troféu 'Axé - Canto do Povo de um Lugar' explica o que faz uma música ser o hit do Carnaval



Aponte sua câmera para o QR Code e escolha sua música preferida ou vote durante a transmissão

Texto **Laisa Gama**

[laisa.gama@metro1.com.br](mailto:laisa.gama@metro1.com.br)

Os clássicos são sempre empolgantes, isso é verdade. Difícil - para não dizer impossível - encontrar alguém que não se arrepie ao ouvir a voz de Saulo Fernandes cantando “Olha bem, meu amor, é o final da odisséia terrestre”, ou que não cante junto o refrão “Eu falei Faraó”. Mas é só a folia pensar em mostrar as caras que uma pergunta já surge em qualquer conversa: qual a música do Carnaval deste ano? Desde que a folia é a folia, todo ano um hit novo é eleito pela galera como o mais marcante. Mas a pergunta que inquieta cantores, compositores e o próprio folião é: o que faz uma música ser o hit do Carnaval?

Neste ano, quem for a algum dos circuitos já pode se preparar para ouvir incontáveis vezes “Macetando” de Ivete Sangalo e Ludmilla; ou para aprender a coreografia de “Perna Bamba”, de Leo Santana e Tony Sales, do Parangolé; vai também curtir “Descontrolada”, de Xanddy Harmonia com, novamente, Leo Santana. É uma lista de opções, que não se resumem ao axé mu-

sic ou ao pagode baiano. E todas com chances reais de serem premiadas. Anos atrás, músicas que fogem um pouco do que seria um “ritmo de Carnaval” levaram o prêmio, como “Jennifer”, de Gabriel Diniz.

Para responder à pergunta sobre o que faz uma música ser escolhida como o hit do Carnaval, o **Metro1** convocou parte da bancada que irá decidir, junto com o público, quem ganha o Troféu 'Axé - Canto do Povo de um Lugar', premiação do **Grupo Metropole** ao lado da produtora Macaco Gordo. A equipe também vai votar nas categorias de Artista Revelação e Conjunto da Obra no Carnaval.

## PARA GRUDAR NO OUVIDO

Produtora cultural e diretora da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb), Piti Canella é uma das juradas. Ela é direta em sua opinião: para que uma música seja o hit, ela tem que estar na boca do povo. “Se deslizar o trio, a rua inteira canta. Eu acredito que a música, mesmo com investimento, precisa colar no ouvido, no corpo. Tem que nos fazer ter vontade de dançar, mesmo sem gostar

da letra ou do ritmo”, aponta. Para Piti, isso continua mesmo com a influência das redes sociais e das dancinhas nos vídeos curtos, até porque há um trabalho pesado de investimento dos artistas nas redes.

Já para o Maestro Fred Dantas, o que faz a música ganhar o pódio é o refrão chiclete aliado ao ritmo da moda. Depois disso tudo, estar nos meios de comunicação também faz, segundo Fred, toda diferença. Isso porque eles têm o poder de ficar “batucando” as músicas na mente do público. Mas o maestro também não deixa de lado a força das dancinhas. “Tudo isso faz com que o Carnaval da Bahia seja uma maravilha”, diz.

Andrezão Simões, cantor e compositor, não poderia discordar. “É a divulgação aliada a um componente incontrolável de como a sua arte será sentida pelas pessoas, o famoso borogodó”, avalia. Para ele, o que diferencia é o conjunto de um trabalho feito por hitmakers e compositores, que têm a capacidade de interpretar o espírito de seu tempo e traduzi-lo em canções.

Mas uma coisa é certa: o que faz sucesso hoje é muito diferente do que fazia antigamente. O próprio Fred Dantas aponta que uma das grandes diferenças é que antes a música do Carnaval surgia dentro da própria festa. Um exemplo é “Protesto do Olodum”, que foi tocada pela primeira vez no período carnavalesco. “Quando essa coisa se tornou capitalizada pela *mainstream*, as músicas começaram a ser pré-fabricadas”, aponta.

Andrezão concorda e defende que a música lançada no Carnaval quase não tem chance de se tornar o hit da folia. “O Carnaval era, por si só, um fenômeno cultural que aclamava canções sem tanta anterioridade de divulgação. Com a fragmentação da atenção, por diversas razões, entre elas a potente web, a anterioridade da divulgação quase extinguiu a música que surge no Carnaval e ganha a atenção das massas”, afirma.

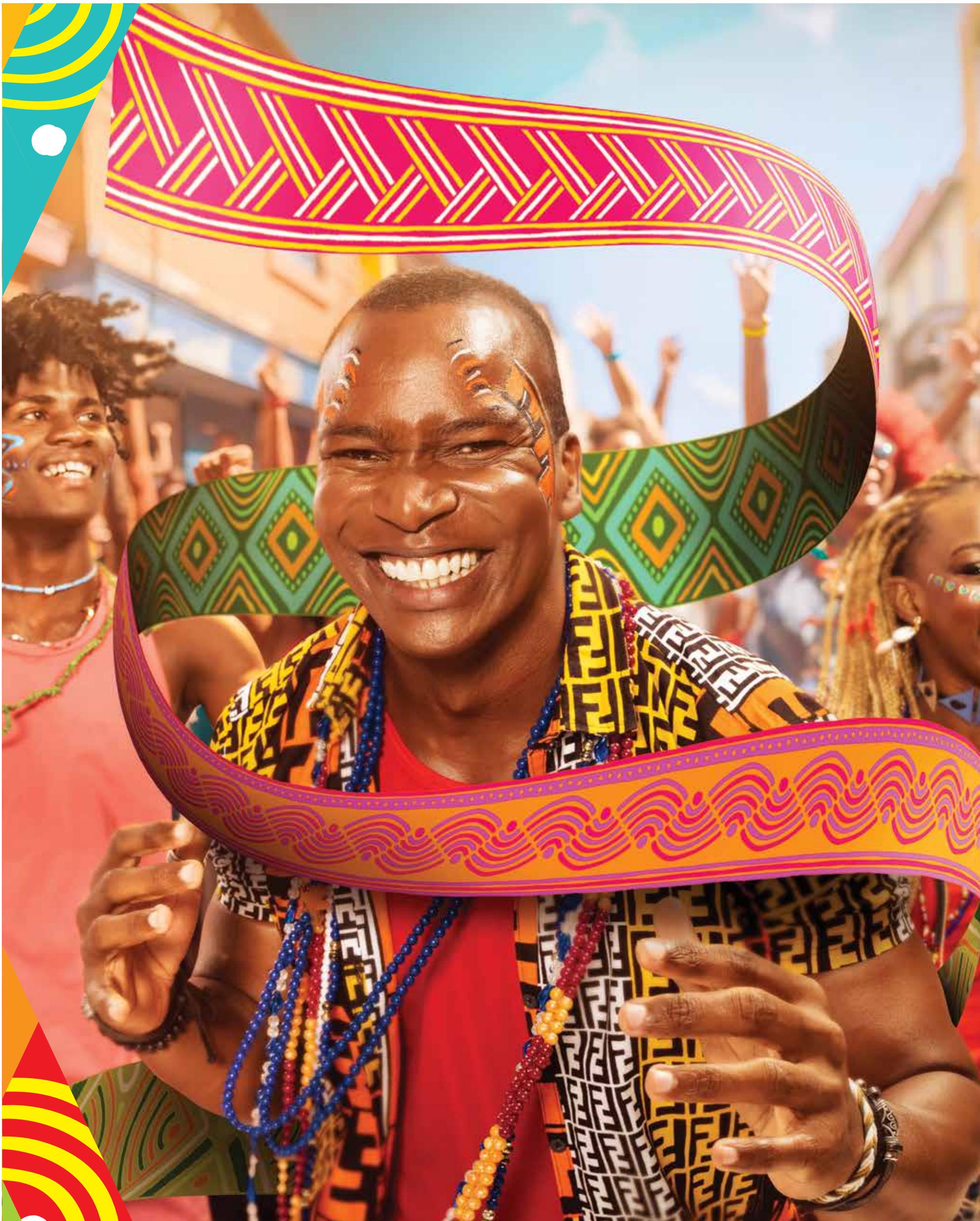


**METROPOLE** + macacogordo

APRESENTAM

#SALVADOR  
CARNAVAL  
DO BRASIL

YOUTUBE | METRÓPOLE FM  
INSTAGRAM | FACEBOOK



# SE JOGUE NO MAIOR CARNAVAL SEM CORDAS DO MUNDO

Está dada a largada para uma festa sem igual. E o **Governo do Estado** investiu para ampliar a segurança, reforçar a saúde, melhorar estradas, fortalecer os blocos tradicionais e levar a festa para muitos municípios. Nos circuitos da capital, baianos e turistas irão cair na folia com grandes atrações no Pelô, Barra-Ondina e Campo Grande.



**DE 8 A 13 DE FEVEREIRO**

Daniela Mercury • Timbalada • Ludmilla • Léo Santana • Psirico  
Alinne Rosa • Parangolé • La Fúria • Xanddy Harmonia • Tayrone  
Xamã • Saulo • Durval Lelys • Carlinhos Brown • Banda Mel  
Escandurras • Thiago Aquino • Lincoln • E muito mais

 fanpagesufotur  sufotur  sufotur





# Sim, o Carnaval de Salvador melhorou em vários aspectos

James Martins

A verdade é a seguinte: a gente gosta de reclamar. Toda vez que eu digo a alguém que o Carnaval de Salvador melhorou em diversos aspectos, me olham como se eu fosse um ET. E como se o certo (e até desejável) seria apenas falar mal, esculhambar, lamentar, dizer que antigamente, no meu tempo, é que era bom etc etc etc. Mas, para mim, de fato, a festa momesca, que frequento desde 1996 em nossa amada capital, está melhor em vários pontos. Por exemplo, a violência. Eu disse 96 e preciso fazer uma ressalva: fui ao Carnaval antes disso, levado por minha mãe. Não sei o ano, mas lembro que odiei o festival de socos e pontapés a que assisti encurralado, morrendo de medo. E veja que era Carnaval de bair-

ro, no caso a Liberdade. Pois bem, hoje em dia, com o efetivo policial enorme, o monitoramento sofisticado e outros aparatos, as brigas e confusões são desbaratadas muito rapidamente.

Além de tudo, o grande aumento dos trios sem corda (outro aspecto, em si, de avanço em relação ao meu tempo) facilita a curtidão mais mansa por parte do folião — grande parte das brigas eram/são provocadas pelo aperto das cordas sobre quem está na calçada, na pipoca. Pois bem, a verdade é que melhorou. Hoje em dia os circuitos carnavalescos estão mais seguros que as ruas do dia a dia. Não estou dizendo que é um mar de rosas, mas que o avanço me parece claro. Outra coisa, o avanço dos bloquinhos e os 25 anos d'Os Mascarados

fizeram ressurgir no soteropolitano o gosto pela fantasia individual. Sou do tempo em que fantasia era sinônimo de abadá e/ou roupa de bloco afro. E só. Não havia mais piratas, palhaços, caveiras... quase nem sequer o famoso diabo da folia. Gosto de ver o povo esmerando a fantasia para sair na pipoca. É bonito e compensa a feiura que o Carnaval em si (com a ausência das mamãe sacode e das decorações caprichadas, feitas em parceria com a Escola de Belas Artes da Ufba) se tornou.

Por fim, me parece que melhorou também a qualidade das comidas de rua. Pelo menos um pouco. Ano passado comi uma coxinha na Barra (nunca que eu faria isso em 2005!) e tô até hoje aqui contando essa história. Bom Carnaval!



divulgação/govba



# A cor dessa cidade

Blocos afros e afoxés completam 50 anos exaltando a cultura e levando o Carnaval de Salvador para todos os cantos do mundo, mas permanecem na luta por apoio para desfilarem na rua

Texto **Lila Sousa**  
[lila.sousa@metro1.com.br](mailto:lila.sousa@metro1.com.br)

O Carnaval de Salvador atrai olhares de todo o mundo. As ruas se enchem de cores, música e alegria, mas uma coisa quase sempre falta: apoio aos blocos afros e afoxés. Representantes da cultura afro-brasileira, eles ainda lutam para marcar presença na folia. Como se já não bastasse a luta contra o racismo e a desigualdade, eles também encontram uma resistência constante para pertencer. E uma batalha tem a ver com a outra. Afinal, a dificuldade de colocar blocos negros na rua é reflexo da desigualdade racial.

O Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, completa 50 anos neste Carnaval. Foi meio século resistindo para promover sua cultura. Antônio Carlos dos Santos, o Vovô do Ilê, relata que, apesar deste ser um ano muito especial e emocionante, é também um ano difícil. Nem o marco dos 50 anos sensibilizou empresas e iniciativas privadas. “O governo e a prefeitura ajudam, mas não está muito fácil. O Carnaval hoje se chama ‘carnanegócio’, não dá mais para fazer como antes, juntar uns amigos e colocar um bloco na rua. Hoje, está muito profissionalizado”, desabafa Vovô do Ilê.

Os empresários e patrocinadores, com o poder de mudar essa realidade e cobrir os custos operacionais, parecem virar o rosto. Para Vovô, esse desafio tem nome: racismo. Afinal, o que justificaria um dos blocos mais famosos, conhecido como o mais belo dos belos, ainda ter dificuldade para desfilarem?

“Estamos em um bairro como a Liberdade, com grandes lojas, bancos, e ninguém ajuda. Todo mundo faz seu negócio, consome tudo na Liberdade, mas tem a dificuldade dos empresários quererem colocar a marca deles junto com a negra”, disse ao **Jornal Metropole**.

## ONDE TUDO COMEÇOU

Esse é o mesmo relato de Gilsony Oliveira, presidente dos Filhos de Gandhi, um dos mais tradicionais de Salvador. Mas nem a fama do “tapete branco” na avenida é capaz de garantir apoio. O olhar dos patrocinadores parece estar mesmo naqueles que podem emplacar a música do Carnaval ou que renderão likes nas redes. “É obrigação das grandes telefonias, cervejarias, supermercados, apoiar e fomentar a cultura [...] porque o fundamento disso tudo é o movimento afro e afoxé. Tudo começou por nós”, diz Oliveira.

## APOIO PÚBLICO

Neste ano, tanto prefeitura como governo do estado têm como tema de Carnaval a cultura afro, na tentativa de exaltá-la e, quem sabe, estimular o apoio privado. A gestão municipal anunciou o investimento de R\$8 milhões nos blocos afros e afoxés. Já a administração estadual, por meio do projeto Ouro Negro, investiu R\$ 15 milhões, o maior volume da história. Para a secretária estadual de Promoção da Igualdade Racial, Angela Magalhães, esses 50 anos de blocos afros são traduzidos como 50 anos de resistência e fortalecê-los é evidenciar a multiplicidade que a presença africana tem na cultura baiana.

Assim como no Ilê e Gandhi, a história se repete com o Malê Debalê. O presidente Cláudio Araújo reconhece o apoio público, mas garante que, com gastos para fantasias, vistorias e tantos outros itens, a conta ainda não fecha. E apesar de tudo isso, são os blocos afros que vendem e valorizam a cultura baiana e o Carnaval de Salvador.

“O turista vem por conta da nossa imagem, que é vendida a peso de ouro. Quando essa grana chega, nós precisamos pedir esmola. Salvador é capital afro porque nós fomos berço de cultura”, desabafa Claudio.





# Mosquito e falta de vacina no Carnaval

## Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

A memória é uma excelente editora de imagens e sensações. O que se passa na cabeça da maioria das pessoas que adoram Carnaval e ficaram sem a festa em 2021 e 2022 provavelmente são cenas borradas de ausência ou, para quem perdeu pessoas na pandemia, as sombras do luto. Esquecemos boa parte da profundidade das coisas ruins para seguir em frente. Agora, de novo, a saúde pública volta a gerar um eco distante daquelas entrevistas desanimadoras de especialistas que, lá em 2020, nos contavam do horror que inevitavelmente viria. As vozes de Átila Iamarino, Natália Pasternak e Miguel Nicolelis, entre outros, ainda ecoam.

Agora, em 2024, com o Carnaval já no play pleno, voltamos a ouvir reiteradamente expressões como emergência pública, calamidade, falta de vacinas, hospitais de campanha, etc. Um velho conhecido, o mosquito da dengue, paira sobre o país. Alguns estados já têm casos em volume impossível de ser atendido na rede hospitalar. Há uma vacina, a Qdenga, em duas doses, para o combate à doença, mas a única fabricante do mundo, a japonesa Takeda, não tem condição de produção e entrega na quantidade de doses que o Brasil precisa. Mesmo quem tem recursos para comprá-la na rede privada não pode adquiri-la, pois a prioridade da fabricante é atender a demanda do SUS.

A emergência climática que tem feito

eleva os termômetros do Brasil a temperaturas insuportáveis também tem gerado tempestades e volumes de chuvas concentradas em cidades sem sistemas de saneamento para esse combo: calor extremo e água acumulada, o paraíso para a reprodução do mosquito transmissor da dengue. Embora os alvos mais vulneráveis sejam as crianças até 14 anos, os adultos que já tiveram a doença não ficam imunes. Há quatro variações da doença, e quem teve um dos tipos pode ter os demais três e com risco de agravamento muito maior nas vezes seguintes. Somente em São Paulo, em apenas um mês já foram 30 mil diagnósticos, 67 do tipo grave da doença e quatro mortes. Dez mil novos casos foram diagnosticados somente numa única semana, na última do mês.

## PLANTINHAS, PETS E NOTÍCIA PÉSSIMA

No Brasil, no mesmo período, já são 150 mil casos e 36 mortes. Os estados em pior situação são Minas Gerais e Acre. Ambos já decretaram situação de emergência, assim como o município do Rio de Janeiro e o Distrito Federal. Além disso, há um índice grande de subnotificações, pois muita gente cujos sintomas não levam à prostração física ou que não precisa de atestado para faltar ao trabalho não vai aos centros de saúde buscar atendimento. Como uma tragédia so-

zinha nunca parece ser suficiente, têm sido comuns casos em que pacientes estão chegando aos hospitais e sendo diagnosticados com COVID + Dengue.

Nesta terça-feira, a ministra da Saúde, Nísia Trindade, fez um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV. Parecia um filme já visto, aqueles pronunciamentos distantes em que o então ministro Luiz Henrique Mandetta alertava os brasileiros sobre os riscos iminentes da COVID que chegava ao país. O pronunciamento da ministra tinha três pontos: alertar o país sobre os riscos de um surto da doença, pedir aos brasileiros para lutar contra o mosquito, já que a quase totalidade das pessoas é picada em casa, e falar da notícia boa e da péssima, relacionadas ao SUS. A boa: o sistema público de saúde brasileiro é o único do mundo a ofertar a vacina contra a dengue gratuitamente. A péssima: o laboratório fabricante não tem condição de produzir para o Brasil a quantidade mínima doses que o país precisa.

Enquanto isso, vamos de subsolo do inferno: muito calor, chuvas frequentes, mosquitos e o que nos parece tolo, mas é a única obviedade que podemos fazer: evitar as agulhas de casa, aquelas das plantinhas ornamentais e dos bebedouros dos pets. E apegar-se místico, para quem tem fé, ao eixo de sua crença particular, para não ser premiado no Carnaval com a dupla: uma picada do aedes aegypti e a inalação do invisível vírus da COVID.



**oxente**  
business & entretenimento



aponte o celular e escute nossa  
playlist no Spotify

*Larissa  
Marques*

# A GRANDE REVELAÇÃO DA MÚSICA BAIANA

[www.larimarques.com.br](http://www.larimarques.com.br)

Siga nas redes sociais: @larissamarquesoficial



(71) 99912-9992 | [producao@larimarques.com.br](mailto:producao@larimarques.com.br)

Coordenadora **Kamille Martinho**  
kamille.martinho@metro1.com.br

# Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

## Primo Pobre

Não me tragam informação de nada. Estou num momento da vida que só quero me desinformar das coisas. Num tô querendo conhecer nada, só desconhecer. Quanto menos eu souber, melhor.

## Só os loucos sabem

Não consigo guardar rancor por muito tempo. Seis anos no máximo e eu já esqueço.

## Noel

Semana de Carnaval, não esqueça de dar 100% de si no trabalho  
25% na segunda  
35% na terça  
15% na quarta  
20% na quinta  
5% na sexta

## Genival

Por que as pessoas que fumam podem ter pausa para fumar no horário de trabalho e eu, que bebo, não posso ter uma pausa para beber?

## Regina Jorge

Um dia alguém vai chegar na sua vida e você vai entender o porquê de seus relacionamentos passados terem dado errado. Psicólogo, o nome.

## Fausto Silva

Procurando uma quarta pessoa para pedir conselhos sobre o Carnaval. As três primeiras não apoiaram minhas escolhas.

## Guto

Vivendo o Carnaval perigosamente: parcelando tudo que posso sem saber se vou ter como pagar.

## Nega Lora

Neste Carnaval, cuidado com os diálogos que começarem com:

1. Só se vive uma vez
2. Melhor do que dormir arrependido
3. Você merece, trabalha tanto
4. É Carnaval
5. Semana que vem a gente resolve

## Cecília

É um absurdo, em plena semana de Carnaval, sair de casa para trabalhar só para ligar o computador em outro lugar. Cadê o home office momesco?



## Rodrigo

Não entendo senha em boleto. É medo de alguém pagar por mim? Pode deixar pagar, eu autorizo.

## Ivan

Acho que eu seria uma pessoa menos estressada se eu pudesse rosnar para as pessoas sem ser julgado.

## Jesus

Eu não paro de pensar em você... desde o dia que te emprestei aquele dinheiro.

## Maria

- Vc devia ser cura pro Alzheimer  
- Por quê? kkkkkkk  
- Porque um sorriso desse é difícil de esquecer.

## Mosquito venenoso

No Carnaval de 2024, eu vou fantasiado de pessoa errada, pra ver se alguém se apaixona por mim.

## Toinho

Você vai dar água para muita gente que achou que o fundo do poço seria seu fim.

## Flávia Vizinha

Vontade daquilo que começa com F.. frete grátis.

## Seu João

Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer.

## Beyoncé de Pernambués

Triste por estar pagando conta, feliz por ter dinheiro, chateado por ter feito tanta conta.

## Grilo

E aí, já sabe quais dias vai sair no Carnaval? Não invente essa história de encontrar amigo lá. Combinado nunca dá certo.

## Menina do trânsito

Foqueira? Não.  
Eu sou historiadora da vida alheia.

## Kaka

Algumas pessoas são como nuvens: é só irem embora e o dia fica lindo.

## Marina

A gente não quer saber quanto custa. A gente quer saber em quantas divide.

## Prí

Eu não boto defeito em ninguém, o defeito já está lá, eu só comento.

CULTURA



METROPOLE

VAI APROVEITAR O CARNAVAL DE SALVADOR OU VAI FUGIR DA FOLIA?

Seja qual for o seu destino,  
conte com as  
15 bases de atendimento  
ao usuário

✓ BANHEIRO ✓ INFORMAÇÕES  
✓ ÁGUA ✓ WI-FI GRÁTIS

CURTIR

RELAXAR



VIABAHIA  
Pela VIA, a Bahia vai

SE DIRIGIR, NÃO BEBA.



No maior  
carnaval do mundo,  
**a economia  
também  
faz a festa.**

Quando a Prefeitura de Salvador investe no Carnaval, ela também investe na geração de emprego e renda. Bares, hotéis, transporte, blocos, camarotes, ambulantes, salões de beleza, toda a economia se movimenta, fazendo todo mundo comemorar.



#pratodosverem: anúncio colorido com desenhos de tambores, búzios e símbolos geométricos e foto de uma mulher sorrindo. No centro, o texto "No maior Carnaval do mundo, a economia também faz a festa" e, abaixo, um texto falando sobre o investimento da Prefeitura na geração de emprego em Salvador, durante o Carnaval. No canto inferior esquerdo, a marca do Carnaval e da Prefeitura de Salvador.